SUPPLEMENTO BURLESCO

AO Nº 1777 DO

PATRIOTA

Suas Magestades e Altesas passam sem novidade em suas importantes saudes.

O ladrão valido passa sem encommodo na pacifica posse de seus roubos.

UM LIVRO CURIOSO.

« Pela continuada leitura e experien
« cia dos livros, é que se adquirem os
« conhecimentos. »

O sr. Moura Coutinho (perna de páo) publicou ha pouco um manifesto que é uma obra preciosa; narram-se ladroeiras, dão-se explicações da bambochata de 27 de Janeiro de 1842, e das nojentas bulhas da travessa da Queimada.

Não somos nós os reveladores do segredo da *ordem*, é o sr. Perna de Pao, o irmão Lycurgo, que nos apresenta esta roupa suja e a lista dos nomes de guerra na maçonaria dos luminosos da situação.

Affonso d'Albuquerque — João Antonio d'Almeida.

Quem diria ao conquistador da India, ao vencedor do Idalcão, que teria de ter por herdeiro o commandante do 2.º batalhão movel?

Que diria o nobre guerreiro ao vêr o novo Affonso d'Albuquerque fabricando no regaço da paz, cordas de sparto e archotes!! Se tivesse escolhido o nome de Neptuno, ou de pescadinha marmota, alguma disculpa teria, mas Albuquerque é forte de mais!

Alfredo — Luiz Antonio Bello.

Póde ser o romantico rei de Inglaterra, ou o eloquente cabelleireiro da rua Augusta.

Vá em paz.

Bichat — Manoel Carlos Teixeira.

Ambos são filhos de Esculapio; a differença consiste na maior, ou menor identidade com o mestre.

Bruto — F. C. Mendonça.

Escolheu bem este irmão.

Caio Mario — Antonio Gomes de Castro.

Este Mario em logar de sentar-se nas ruinas de Carthago, senta-se todas as tardes nas cadeiras do passeio publico, de d'onde contempla o innocente passatempo dos peixes vermelhos, e as ruinas do antigo theatro da rua dos Condes.

Camões — F. da Silva Carvalho.

Não verifica a promessa de Junot, que nos prometteu um em cada provincia.

Catão 2.º — José dos Conegos.

« Cesse tudo o que a Musa antiga canta
« Que outro ladrão mai- alto se levanta. »

Catão ajoujado a José dos Conegos, é dos maiores desconchavos que se conhece. Se fosse Cartouche, Mandrino, Diogo Alves, Mattos Lobo, *transeat*; mas escolher o maior dos larapios, o nome do maior cidadão da antiga Roma, que ignorou sempre a existencia de conegos, é escandalo que só podia lembrar a José Bernardo da Silva Cabral; mas em fim houve um Catão censor, um Catão de Utica, temos agora um Catão ladrão.

Cezar — J. de Villa Nova V. de B.

Não temos a honra de conhecer este irmão.

Chevalier de Wane — J. A. de Magalhães.

Parce sepultis.

Cicero — J. D. dos Santos.

Cicero — (Da loja Prudencia) Frederico Zacharias de Oliveira e Silva.

Leia-se o manifesto, ver-se-ha que estes dois Ciceros movem muito melhor as mãos do que a lingoa.

Chesiphonio — Antonio Pereira dos Reis.

Seja lhe a terra leve.

Demosthenes — Arcebispo d'Evora.

Demosthenes — (Veneravel da loja 27 de Janeiro e thesoureiro) Antonio Ignacio da Silva. A'cerca das habilidades deste Demosthenes veja se o manifesto.

Dupuis — C. A. de Oliveira.

Não devemos confundir este Oliveira com o author da origem dos cultos, este novo Dupuis o mais que poderá escrever é a origem do cabralismo.

Fabio — Visconde d'Oliveira.

Deu em pantana com a loja da travessa da Queimada, chuchou maçonicamente o seu sopapo dos cabraes, do Pereira de Mello, e de outros que invadiram o sanctuario para roubar.

Fenelon — Conde de tomar.

O pelle de chibo, o concussionario-mór mettido dentro da roupeta do arcebispo de Cambrai! Adoptar o nome de Fenelon, que nunca recebeu um *soldo* de companhia alguma, que nem sequer sabia o que eram acções beneficiarias! Fenelon que nunca andou de caleche!

Esta escolha foi-lhe de certo inspirada pelo irmão Marcos Bacho.

Phocion — B. dos Martyres Dias e Sousa.

Ganganelli — Eleutherio Francisco Castello Branco.

Com que sonhas *tanchão*? Com a Purpurea Pontificia? O papa Eleuterio!!!!! Tinhamos a cadeira de S. Pedro no tablado do Gymnasio!!!

Guilherme Tell — Antonio Dias de Azevedo.

Não nos consta que o libertador da Suissa medisse sal aos alqueires, ou que falsificasse actas de eleições.

Haberkorn — Bispo eleito de Castello Branco.

Excellente escolha! Haberkorn, author de uma obra theologica muito apreciada dos Lutheranos, devia servir de carapuça ao padre que na Madeira mais agradou ao doutor Kalley.

Hyperion — Agostinho Albano.

Hyperion foi encarregado de conduzir o caleche do sol. Agostinho Albano, que hade acabar em bolieiro de seges de aluguel do largo das Duas Igrejas; preveniu-se a tempo.

Phedro — Joaquim José Falcão.

Phedro foi conhecido pela sua doçura e elegancia. Instruia com os seus apologos moraes os catraeiros das margens do Tibre com quem conversava a horas mortas.

Romulo — J. F. de Castilho.

O Romulo que o grande architecto do Universo o conserve por terras estranhas por longos e dilatados annos a levantar templos á virtude e a cavar masmorras para o vicio.

Themistocles — José Joaquim Pereira de Mello.

Não reza a historia que o heroe de Salamina fosse corrido a pontapés na camara dos deputados da sua terra.

Tiberio — José Lourenço da Luz.

O banco de Portugal é a ilha de Caprea deste veneravel irmão.

Viriato — (Da loja de 10 de Fevereiro.) João Rebello Cabral.

O João da Lingoa Gorda parece-se tanto com Viriato como um ovo com um espeto.

Leothichides — J. F. dos Santos Silva.

Leothichides teve loja de cambio em Spartha e descontava cedulas aos Persas.

Leovigildo — A. J. de Sousa Gomes.

Leovigildo, afamado boticario de Cordova, purgava os Godos com Jalapa em segunda mão.

Minos — João de Deos Antunes Pinto.

Minos foi rabula e juiz do inferno. O nosso Deos Antunes escolheu bem, foi conscienciozo.

Nelson — Joaquim Pereira Dultra.

O heroe de Trafalgar nunca soube o que fossem escripturas falsas nem tão pouco navegou pelo estreito dos palacios dos dois ladrões.

Massillon — Jeronimo Pinto Ferreira.

Nunca consta que prégasse senão sermões de S. Martinho.

Lycurgo — J. J. A. de Moura Coutinho (author do manifesto.) Deste irmão Lycurgo só diremos que depois de dar conta das ligeirezas de mãos dos *filhos da viuva*, dissidentes, elle mesmo nos conta a destreza com que empalmou os malhetes e outros objectos na travessa da Queimada.

Que horas sao, irmão 1.° Vigilante?

Meia noite.

Pois que, é meia noite, e é esta a hora a que os redactores do Supplemento Burlesco se costumam deitar; annunciai aos irmãos das vossas columnas que está acabada a nossa tarefa.

Em França e Inglaterra, paizes que estão cem annos em maior atraso do que Portugal, a pedra para as calçadas de macadame é quebrada por uma bitola, deitam-se a miudo camadas, e de verão são frequentemente regadas. Em Portugal a pedra é de todos os tamanhos, e não são as ruas regadas de verão por falta d'agoa, segundo diz a camara! E tem rasão, por que apenas começa o calor não ha pinga d'agua, a sêca é geral, a tal ponto que desde o mez de Maio até Outubro atravessa-se o Téjo a pé, e ha mesmo um projecto de n'elle se fazer uma plantação d'amoreiras durante esta estação: além de que a agua do Téjo viria salgar as ruas, e a salmoira poderia ser nociva ao paladar do calçado! Acresce a isto, que regadas as ruas, perderia o macadame nacional o seu merito real, desappareceriam esses redemoinhos de poeira que imitam nuvens; e Lisboa é o unico paiz da Europa que apresenta nuvens artificiaes, graças á camara. Somos pois de opinião que não hajam régas, e approveitamos esta occasião para agradecer á camara o empenho que mostra em nos cegar.

EDITOR RESPONSAVEL — M. J. COELHO

Typ. de M. J. Coelho — R. do P. dos Negros n. 54

O IRMÃO AFFONSO DE ALBUQUERQUE.